

“A educação da mulher”:

o manual de história de educação feminina de Afrânio Peixoto (1936)

*Roberlayne de Oliveira Borges Roballo*¹

*Alexandra Padilha Bueno*²

Resumo: O presente artigo analisa o projeto de educação feminina proposto por Afrânio Peixoto (1876-1947) na obra “A Educação da Mulher” (1936). Peixoto foi médico legista, deputado federal, professor, romancista, poeta, homem público que escreveu aproximadamente cento e quarenta obras. Do ponto de vista da organização deste artigo, ele se desdobra em três partes: inicialmente, retomamos uma breve trajetória do autor, destacando sua participação no campo intelectual, o lugar institucional ocupado, seu projeto político e intelectual e a conjuntura na qual a obra foi publicada; na sequência realizaremos a análise da *materialidade e narrativa*, partindo da compreensão que a sua obra segue as premissas de outros livros do autor, tratando-se de um manual de história da educação, que encerra sentidos sobre a educação da mulher a partir das relações com um passado que se torna lição, desenvolvida por meio da ideia de uma progressão civilizatória, na qual hábitos, costumes e diferentes povos são descritos e organizados de acordo com aquilo que para ele significa uma etapa evolutiva; e por fim, conclui-se, de forma sucinta, com a análise do projeto educativo voltado para a “mulher moderna” no pensamento de Afrânio Peixoto, descrito na obra a partir de uma perspectiva de exemplaridade, na qual a higiene, a biologia e a sociologia evolutiva tem papel preponderante.

Palavras-chave: Afrânio Peixoto; Educação Feminina; Manual de história da educação; História da Educação.

Abstract: This article analyzes the female education project proposed by Afrânio Peixoto (1876-1947) in the book “A Educação da Mulher” (1936). Peixoto was a medical examiner, federal deputy, professor, novelist, poet, public man who wrote approximately one hundred and forty books. From the point of view of the structure of this article, it unfolds in three parts: initially, we resume a brief trajectory of the author, highlighting his participation in the intellectual field, the institutional place occupied, his political and intellectual project, and the conjuncture in which the work has been published; following, we will carry out the analysis of concreteness and narrative, starting from understanding that his work follows the premises of other of his books, being a manual of the history of education, which produces meanings about women’s education based on relations with a past that becomes a lesson, developed through the idea of a civilizing progression, in which different people habits and customs are described and organized according to what an evolutionary phase means to him; and finally, concludes succinctly with the analysis of the educational project aimed at the “modern woman” according to Afrânio Peixoto, described in the book from an exemplary perspective, in which hygiene, biology and evolutionary sociology play a major role.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professora Associada I do Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professora da educação básica do Município de Araucária e tutora EaD pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

Keywords: Afrânio Peixoto; Female Education; History of education manual; History of Education.

“The education of women”: the manual of the history of female education by Afrânio Peixoto (1936)

1. Introdução

Este artigo busca unir em uma análise a trajetória de duas pesquisadoras da história da educação, que ao se depararem com uma fonte documental que circundava seus temas de pesquisa, vislumbraram a possibilidade de uma contribuição significativa para o debate do campo. Embora a obra aqui elegida para análise não seja inédita do ponto de vista do seu uso para construção de explicações para a história da educação, é possível afirmar que o documento em questão é amplo e aberto a interpretações e questionamentos que podem ampliar a perspectiva analítica no que diz respeito à materialidade, a narrativa e a perspectiva do projeto educativo de Afrânio Peixoto voltado às mulheres nas décadas de 1930 e 1940.

O texto está dividido em três seções. Num primeiro momento retomamos alguns elementos significativos da trajetória do intelectual, médico, professor e homem público, Afrânio Peixoto, de forma a contextualizar as condições de produção da obra “Da educação da mulher”, 1936. Na sequência iremos analisar de forma detalhada a materialidade da obra em questão, incluindo as características comuns às obras produzidas pelo autor na Editora Companhia Nacional. E concluiremos com um exame da narrativa elaborada por Afrânio Peixoto sobre a história da educação da mulher, buscando uma aproximação com outros materiais de mesma autoria, entendendo que os ensaios por ele produzidos prescindem de uma análise aprofundada, citações de fontes ou referências, ou mesmo a vinculação de uma explicação exclusivamente científica dos fatos abordados, sendo que, a opinião e o julgamento do intelectual mostram-se evidentes ao longo do texto o que era uma característica comum aos intelectuais da época. É possível portanto, cotejar essa obra com o manual de história da educação - Noções de História da Educação - de Afrânio Peixoto, tanto pelo estilo escolhido pelo autor, quanto pela abordagem dos temas que encontram-se na obra analisada.

2. Alguns apontamentos sobre a trajetória de Afrânio Peixoto

Afrânio Peixoto, nasceu em Lençóis, na Bahia, em 17 de dezembro de 1876. E, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947. Formou-se na Faculdade de Medicina, em 1897, em Salvador. Em 1901, foi nomeado professor substituto de Medicina Pública, na Faculdade de Direito da Bahia. Neste mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro e em 1902 tornou-se Inspetor Sanitário de Saúde Pública do Distrito Federal. Em 1904 assumiu a direção interina do Hospício Nacional de Alienados. Retornando ao Brasil, após viagem por alguns países da Europa, Peixoto foi classificado em primeiro lugar, mediante concurso, como professor das cadeiras de Higiene e Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e empossado também na cátedra de Medicina Pública da Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro.

O intelectual Afrânio Peixoto notabilizou-se como médico, literato, professor e Deputado Federal. Nestas diferentes áreas, a sua trajetória foi marcada por uma vasta produção científico-literária. Na década de 1910, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando o lugar de Euclides da Cunha, chegando em 1923 à presidência da academia. Na área política, Peixoto foi Deputado Federal pela Bahia em 1924 e reeleito na legislatura seguinte. Na sua atuação no parlamento chamou a atenção para temáticas como malária, acidentes de trabalho, analfabetismo e insânia mental.

Na área da educação Peixoto foi Diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro e Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, nos anos 1915 e 1916 respectivamente. Foi professor de História da Educação nos cursos de formação de normalistas. Em 1932, Peixoto foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, juntamente com Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e outros intelectuais de destaque. Nos anos seguintes tornou-se o primeiro reitor da Universidade do Distrito Federal (UDF). Portanto, o Magistério, a medicina legal e higiene, a política, a literatura, a administração pública foram as principais áreas de intervenção deste intelectual.

Afrânio Peixoto escreveu aproximadamente cento e quarenta obras, e em média, seus livros possuíam de três a oito edições. Sua intensa produção ocorreu entre 1910 e 1940, sendo considerado um dos autores com maior número de leitores. Peixoto, neste sentido, ressaltava: “outrora, era a fé que respondia a tudo; depois foi a Universidade; agora é o livro (...) A verdadeira Universidade é o livro” (PEIXOTO, 1950, p. 175). Sua primeira obra foi publicada em 1900, e denominava-se *Rosa Mística*, um drama cercado da atmosfera do simbolismo. A sua bibliografia é vasta e marcada por diferentes formas de ver o mundo, sendo romancista, crítico, historiador e educador. Entre os seus romances, que constituem uma galeria de tipos

femininos, destacam-se: *A Esfinge* (1911); *Maria Bonita* (1914); *Fruta do Mato* (1920); *Razões do Coração* (1925); *Bugrinha* (1922); *Sinhazinha* (1929); *Uma Mulher como as Outras* (1928). Na obra *A Esfinge* (1911), por exemplo, Peixoto apresenta o conflito entre homem e mulher, transpostos para o Rio de Janeiro, num ambiente repleto de diálogos sobre política, mundanismo, negócios e assuntos literários. O tema da mulher predominou na sua literatura. Inclusive, uma das suas obras sofreu adaptação para o cinema nacional em 1937, o romance *Maria Bonita* (1914), dirigido pelo francês Julien Mandel, sendo censurada em 17 de junho de 1937, pelo Estado Novo e, re-lançado no Rio de Janeiro, em 02 de agosto de 1937, com modificações sugeridas pela censura (ANÔNIMO, 2020, s.p.).

Entre as obras sobre saúde e medicina destacam-se: *Medicina Legal* (1911), *Noções de Higiene* (1918), *Elementos de Higiene* (1912). Escreveu também sobre temas políticos e históricos como: *Minha Terra e Minha Gente* (1915); *José Bonifácio, o velho e o moço* (1920). A crítica, a filologia e a história da literatura brasileira também mereceram destaque nas obras: *Trovas Brasileiras* (1919); *Parábolas* (1920); *Castro Alves- o poeta e o poema* (1922); *Camões e o Brasil* (1927); *História da Literatura Brasileira* (1931); *Panorama da Literatura Brasileira* (1940); e, em colaboração com Pedro Pinto, *Dicionário dos Lusíadas* (1924).

A formação de Peixoto sintetizou o encontro entre os seguintes projetos formativos: a especialidade médica e as humanidades. Destarte, unia-se à elite letrada do seu tempo: discurso nacionalista, crença na educação, desejo de modernidade e convicção sobre o papel dos intelectuais na formação do povo e na construção da nação. Para Peixoto:

A mesma raça se desune em povos diversos, a mesma religião não reúne povos diferentes: Gregos, Romanos, Germanos, Iberos foram assim. Serão assim os BRASILEIROS. Uma nação define Renan, é uma grande solidariedade, constituída pelo conhecimento dos sacrifícios feitos, dos sacrifícios ainda por fazer; resume-se, no presente, em fato concreto: o desejo, o consentimento inequívoco de continuar a vida comum (...). O que nos cumpre é preparar hoje, o Brasil de amanhã. Educar o brasileiro de agora para lhe dar uma consciência de si e, portanto dar a todos uma consciência nacional (1950, p. 78)³.

Peixoto afirmava que todos os males do Brasil resumiam-se em um único fator determinante: “privação, deficiência, ou perversão da educação física, intelectual, cívica ou

³ As citações de Peixoto com a data de 1950 foram extraídas do livro “Afrânio Peixoto”, organizado pelo ex-aluno e admirador L. Ribeiro. Trata-se de uma antologia de textos e de pensamentos de Peixoto sobre diferentes temas.

política” (RIBEIRO, 1950, p. 170). Para ele, a educação era a chave para a democracia e civilidade: “Os povos ignorantes abdicam de si e passam a servir os outros”. E, conclui: “Só há um caminho para a conquista da natureza, dos homens, de si mesmo: saber. Não há outro meio de o conseguir: querer” (RIBEIRO, 1950, p. 78). Nessas passagens fica evidente sua crença no poder da educação.

Ainda sobre educação, Peixoto escreveu em 1933 a obra *Noções de História da Educação*, sendo que em 1936, foi publicada uma segunda edição e, em 1942, a terceira. Esta obra era voltada à formação das professoras normalistas e falava sobre educação, defendendo-a como processo de amoldamento do indivíduo à sociedade, sustentando que tal processo envolvia a adaptação para a vida *cívica*, através da formação da consciência nacional, *profissional*, a partir da formação útil à sociedade industrial; e *intelectual*, por meio do domínio do método científico da observação e da experimentação. E, em 1936 escreve “A Educação da Mulher”, traçando cronologicamente a educação da mulher, as “grandes figuras femininas” nas diferentes épocas e o que considera como modelo ideal da educação feminina para as mulheres de sua época. (PEIXOTO, 1936).

3. Analisando a *materialidade* do manual de história da educação da mulher de Afrânio Peixoto

O livro foi uma das grandes ações realizadas por Peixoto, sendo “A Educação da Mulher” (1936), uma entre as muitas obras publicadas pelo autor entre as décadas de 1910 e 1940 – período de maior circulação das produções deste intelectual.

Por isso, é importante analisar a materialidade desta sua obra, compreendendo, assim como Escarpit, que um livro não é apenas um arquivo ou uma reserva de noções e anotações intelectuais. Enquanto “documento escrito” o livro “é o que é a sua difusão”, sendo a sua existência (e, permanência) ligada às questões editoriais (de inovação técnica), ao seu autor e a sociedade na qual é difundido (ESCARPIT, 1965, p. 05).

No âmbito dos estudos sobre a materialidade, nos reportamos às proposições de Roger Chartier, que intensificou estudos sobre livros enquanto produto de estratégias pedagógicas e editoriais. Investir no estudo da materialidade corresponde a não dispensar o cuidado *aos sentidos das formas*, pois, afirma Chartier (1990), “não existe texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega a seu leitor” (p. 127). Significa dizer, que o livro “A Educação da

Mulher” de Peixoto, assim como enfatizou Chartier (1990), foi um objeto em circulação – *circulação de ideias*, que implicaram em manifestação de valores e comportamentos. E, adentrado às verdades que tenta impor, sem deixar de levar em consideração a temporalidade e o espaço, observamos tanto na sua narrativa como na sua materialidade, os discursos sobre a educação da mulher.

Cabe ressaltar que os impressos em sua forma material (papel, imagens, capas, letras, entre outros elementos) *definem seu uso*. Segundo Chartier (1990; 1999), as obras adquirem sentido quando se estabelece relações entre três pólos: de um lado a “análise dos textos”, decifrados nas suas estruturas, nos seus objetivos, nas suas pretensões; de outro lado, a “história do livro”, para além de todos os objetos e formas que toma o escrito; e o “estudo de práticas que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas”, produzindo usos e diferenciadas significações (1999, p. 12). Portanto, o livro instaura uma ordem: a “ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação.” (CHARTIER, 1999, p. 8).

A primeira questão a ser observada na obra “A Educação da Mulher” é que sua publicação foi realizada primeiramente pela Companhia Editora Nacional (CEN)⁴, fundada em 1925, sendo uma das principais editoras na consolidação editorial do Brasil, juntamente com as suas concorrentes, Editora Francisco Alves (fundada em 1854) e Editora Melhoramentos (1915). Tanto a Francisco Alves como a CEN, possuíam um catálogo que se sustentava, sobretudo, pela presença dos livros didáticos, tornando-se as maiores responsáveis pela profissionalização do setor. Importante destacar ainda, que Peixoto teve outras obras publicadas pela CEN, apresentadas em uma das páginas iniciais do livro analisado neste trabalho, como romances, ensaios e obras da área da educação, como: *Noções de História da Educação*, editado a primeira vez em 1933 com uma tiragem de aproximadamente mil exemplares, um número bastante expressivo para a época; em 1936 a segunda edição e, em 1942 a terceira; “Educação da Mulher, foi editado a primeira vez pela CEN, em 1936 e relançado posteriormente na Editora W. M. Jackson⁵, oito anos mais tarde com o título modificado para *Eunice ou a Educação da Mulher*, indicativo da repercussão do livro, por um lado, e do aprimoramento da explicitação da mulher modelar de modo nomeado e distinguido,

⁴ Doravante neste trabalho iremos nos referir a Companhia Editora Nacional pela abreviação CEN.

⁵ A Editora W. M. Jackson lançou uma coleção com 25 obras de Afrânio Peixoto, incluindo a obra “Educação da Mulher”, com o título modificado para “Eunice ou a Educação da Mulher”, conforme consta em encarte da Editora de 1945.

sendo que a última edição foi em 1947” (SILVA; MOREIRA;VIEIRA, 2016). A escolha do nome — *Eunice* — adicionado a obra, pode ser compreendida pelo que significa, isto é, “a que vence facilmente”, “a quem a vitória não custa”. Peixoto explica no prefácio que a escolha desse nome feminino foi para tirar o aspecto dogmático do livro, sendo que Eunice é a que “vence facilmente, a quem a vitória não custa, pois que, para a mulher, se os dons naturais causam desejo e tormenta, esse, da educação, lhe dará vitórias fáceis, pois aceitas pelo mundo, conquista do esforço, ajudando à natureza” (ABRANTES, 2010, p. 152).

Com relação a primeira edição (1936) lançada pela CEN, é importante destacar que a editora foi fundada por Monteiro Lobato, em parceria com Octalles Marcondes Ferreira e seus irmãos. Lobato permaneceu na CEN até 1929, vendendo suas ações para pagar dívidas. Com sua saída, seu sócio Octalles⁶ viria a transformar a Editora em uma das maiores editoras brasileiras. Segundo Hallewell, em 1930 a CEN tornou-se a maior de São Paulo. Nos primeiros seis meses de 1940, a editora apareceu:

na liderança entre as editoras comerciais, com 79 títulos novos (entre os 622 de todo o Brasil), seguida pela Melhoramentos com 36, José Olympio com 32, Globo de Porto Alegre com 31, Pongetti com 22, Briguiet e Empresa Editora Brasileira com 17 cada, Francisco Alves e Freitas Bastos com 14, Saraiva com 13, Vecchi com 12, Civilização Brasileira – na época ainda subsidiária da Nacional – com nove, Martins com oito, Guaíra de Curitiba e Jacinto com seis cada uma, A. Coelho Branco Filho e Zélio Valverde com cinco cada uma, Antunes com dois, e Quaresma com apenas um. (HALLEWELL, 2005, p. 371-2).

Frente a um mercado em crescimento a partir da década de 1930, a expansão da CEN não se deu apenas com a ampliação do interesse pelo livro nacional, mas, pela difusão do mercado para novos leitores, como *as mulheres*. Por meio da oferta de novos gêneros, como manuais didáticos entre outros, a CEN passou a cingir um *novo* grupo – de futuras professoras, por exemplo – que não consumiam, até então, esta mercadoria. E, tanto a CEN como outras grandes editoras tomaram para si o direito de saber, ou “de entender melhor o gosto do público e de suas necessidades, encomendando aos autores produtos definidos ou enquadrando-os em coleções definidoras do perfil do leitor” (TOLEDO, 2001, p. 29).

Destarte, a dimensão de um livro publicado, enquanto objeto que possui características técnicas, visuais e físicas, e os sentidos que produz, revela que “cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis

⁶ Octalles Marcondes Ferreira foi o dono de duas editoras: a Companhia Editora Nacional e a Civilização Brasileira. O mercado editorial ficou então dividido em duas frentes: Nacional para os “renovadores” ligados a Fernando de Azevedo e Civilização Brasileira para os “católicos” (TOLEDO, 2001, p. 66).

usos e interpretações.” (CHARTIER, 2003, p. 44-5). Os leitores jamais se defrontam com textos abstratos e desprendidos de sua materialidade:

manejam ou percebem objetos e formas cujas estruturas e modalidades governam a leitura (ou a escuta) procedendo à possível compreensão do texto lido (ou ouvido). Contra uma definição puramente semântica do texto [...] – é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um *status* inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação. (CHARTIER, 1999, p. 13).

Com relação ao *objeto-livro* de Peixoto, algumas características, como: *capa*, *contracapa*, *seleção de imagens*, *enunciados*, *disposição tipográfica*, *tipos de letras*, entre outros, tornam-se importantes à medida que a apresentação física desse objeto contribui para *decifrar* o público ao qual essa literatura estava sendo destinada. Além disto, é no formato físico que se imprimem os aspectos do novo e do permanente, deixando transparecer as intenções que antecedem a decisão editorial e o trabalho gráfico.

Nesta perspectiva, alguns elementos da obra “A Educação da Mulher” merecem destaque, como a capa e contracapa:

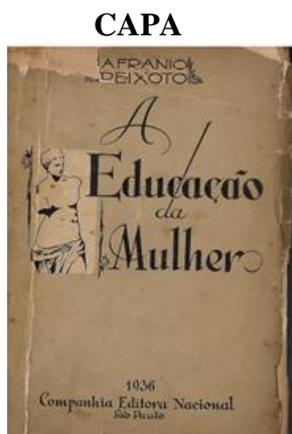


FIGURA 1: CAPA DO LIVRO DE AFRÂNIO PEIXOTO
FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher” (1936).

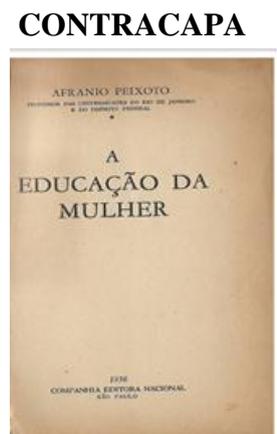


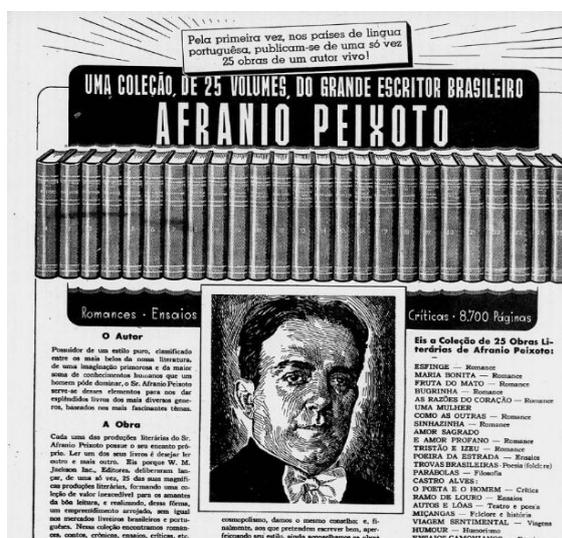
FIGURA 2: CONTRACAPA DO LIVRO DE AFRÂNIO PEIXOTO
FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher” (1936).

Assim como várias obras da CEN, o livro de Peixoto se apresenta com formato 14x20 cm. Tanto a capa como a contracapa, apresentam o título da obra e o autor em destaque, como também se apresenta o nome da Editora e ano de publicação na parte inferior. Chama atenção na capa, a figura da Vênus de Milo, uma estátua da Grécia Antiga, cujo autor é desconhecido e que se encontra no Museu do Louvre, em Paris. Acredita-se que a estátua possa ser uma

referência a uma das deusas mais veneradas da Antiguidade Clássica, a “Deusa do Amor”, conhecida por sua feminilidade e sensualidade, representada com a parte superior do corpo despida e rosto sereno.

Na contracapa, no canto superior, há informações sobre a formação de Peixoto: “Professor da Universidade do Rio de Janeiro e Distrito Federal”, deixando a entender que o autor estava falando de um lugar de autoridade. E, este lugar institucional do autor é fundamental como estratégia de vários livros e coleções da CEN, pois garante prestígio à Editora como divulgadora dos acúmulos científicos e renovadora da cultura pedagógica. Da mesma forma, quando a obra é relançada pela Editora W. M. Jackson há uma grande relevância dada ao autor em diferentes encartes de propaganda:

Figura 3: ENCARTE DA EDITORA W.M. JACKSON
ENCARTE DA EDITORA



FONTE: ANÔNIMO. *A Noite*. 27 de fevereiro de 1945, p. 7.

E, o que faz com que um indivíduo exerça a função de autor? Segundo Foucault, a função de autor está atrelada ao fato de, mediante o seu nome, caracterizar os textos que lhe foram designados. Sinteticamente, o autor não é um simples elemento de um discurso, ele exerce um papel em relação ao discurso:

Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo ele [sic] ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer ‘isso foi escrito por tal pessoa’, ou ‘tal pessoa é o autor disso’, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status. (FOUCAULT, 2002, p. 85).

É certo que não se trata de retratar a figura do autor de forma romântica, soberana, como analisa Chartier (1999). O autor está sujeito às determinações que organizam as produções, como também, não é mestre dos sentidos, pois suas intenções expressas no texto não se impõem àqueles que deste se apropriam. Assim, compreendendo que *um livro não se encerra em si mesmo*, somos levados a refletir que sua eficácia simbólica é exercida à medida que a pessoa que o escreveu é reconhecida como portadora do direito de fazê-lo.

No prefácio da obra, escrito pelo próprio Peixoto, é enfatizado que não se trata de um livro didático sobre a educação da mulher, mas um ensaio por vezes “polêmico, de propaganda e justificativa dessa educação”, por meio da procura de documentação “anatomica, fisiologica, psicolgica e social (sic)” para intervir no debate. O prefácio caracteriza-se como um texto colocado no introito do livro, escrito para justificar as escolhas de Peixoto sobre seu conteúdo e objetivos. (PEIXOTO, 1936, s.p.).

Com relação à organização do conteúdo a obra não apresenta um sumário, mas um índice ao final do livro, organizado em duas partes: “O que foi” e “O que deve ser”:

FIGURA 3: ÍNDICE (O QUE FOI) DO LIVRO DE AFRÂNIO PEIXOTO

O QUE FOI	
I — Idade Antiga. Povos primitivos: os nossos selvagens. Asiáticos: Índus, Chins, Arabes, Gregos e Romanos. A “mulher forte” das Escrituras	9
II — Idade média: ascése. Padres da Igreja. São Jeronimo. Ensino monastico. Escola palatina. Monjas e Santas. Educação dos nobres e do povo	21
III — Idade média. Cavalaria. Idealismo amoroso. Exaltação da mulher: “o eterno feminino”. Educação e ridiculo.	27
IV — Renascimento. Mulheres enciclopedicas. Erasmo e Vives educadores modernos. Montaigne. Educação nos conventos: insuficiencia e degeneração. Reação de Port-Royal: Jacqueline Pascal. Mulheres sabias	35
V — Preciosas e sabichonas. O “hotel” de Rambouillet. Molière e as “bas bleu”. Mlle. de Scudery. Vingança de homens despeitados	47
VI — Fénelon. Educador de principe. Pedagogia liberal. Educação da mulher. Precursor de Locke e de Rousseau	55
VII — Mme. de Maintenon. Educar-se para educar. Fundação de St. Cyr. Programa de ensino. Pragmatismo. Preceitos educativos. “A educação é o maior dos bens que se possa adquirir	63
VIII — Rousseau: “Emilio” e Sofia. Moda da educação. “Fantasias de visionario”. Pedagogia funcional. Também a mulher	71

FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher”, 1936, p. 216.

FIGURA 4: ÍNDICE (O QUE DEVERIA SER) DO LIVRO DE AFRÂNIO PEIXOTO

O QUE DEVE SER	
I — O misterio do sexo: da insexualidade ao sexo puro. Início do sexo. Cielos asexuado e sexuado. Sexos conjuntos. Sexo puro	115
II — Caracteres dos sexos. Predominancias e deficiencias. Seleção sexual. Determinismo dos sexos. Vantajens da mulher. Disparidade sexual	123
III — Diversidade anatomica dos sexos. Variações antropologicas. Craneo e encefalo. O peso do cerebro	131
IV — Evolução psicologica; sexos e psicologia. Primeiros tempos. Primeiras relações sociais. Puberdade. Confronto psicologico	141
V — Tipos psicologicos. Psicologia experimental. Estatística comparada. Outras diferenças. Processos mentais. “A priori” e medidas	153
IV — A mulher e o trabalho. A operária. Igualdade “mecânica”. Disparidade de salario. O trabalho moralizador	165
VII — Educação fisica. Paganismo e cristianismo. Melhores tempos. Proveito do exercicio. Cautelas. A’s mulheres convem, mais que aos homens, o exercicio da educação fisica.	175

FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher”, 1936, p. 218.

O livro “A Educação da Mulher” possui duzentos e dezessete páginas, com um índice organizado da Idade Antiga ao período considerado contemporâneo, revelando interpretações anacrônicas dos acontecimentos ligados à educação feminina e sua história, pois as descrições conduzem o leitor a representar a saga da civilização e da mulher, na sua evolução rumo à contemporaneidade/modernidade. Uma modernidade que se tornava sinônimo de progresso, sendo representada pelo desenvolvimento da mulher e sua relação com o trabalho, educação sexual e intelectual, entre outros elementos que compõem o texto. São grandes relatos que privilegiam a história universal, a história das civilizações, aliados a um enciclopedismo e a uma interpretação anacrônica do passado.

Apesar de Peixoto afirmar, no prefácio, que sua obra não é um livro didático, esta se aproxima da estrutura de manuais como “Noções de História da Educação” (voltados à formação de professores), principalmente na parte intitulada “O que foi”. A proposta de apresentar a organização do texto com brevidades de descrições sobre: Idade Antiga (povos primitivos, asiáticos, gregos, romanos, entre outros); Idade Média (Padres da Igreja, Educação dos nobres e do povo, cavalaria, entre outros); Renascimento (Erasmus, Vives, Montaigne, Fénelon, Rousseau); Período Contemporâneo, considerado por Peixoto entre meados do século XIX ao XX; aproxima a escrita desta obra aos manuais escolares.

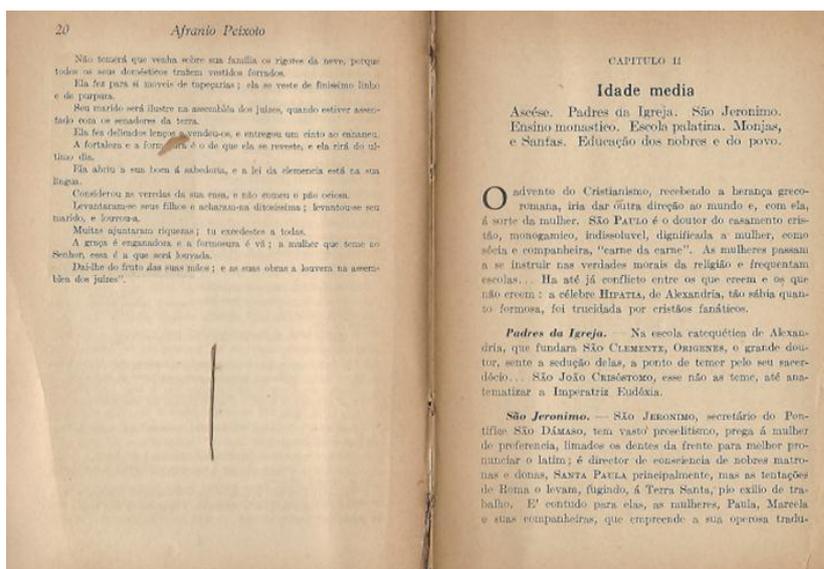
Evidente que a “Educação da Mulher” não estava direcionado a um programa de ensino como os manuais ou livros didáticos, contudo, ao apropriar-se de diversos conteúdos, adequando-os a um texto de claro entendimento, a fim de explicar questões relativas ao passado da educação, *assemelha-se* ao conceito de manual. Um manual possui a proposta de, “a um só tempo introduzir um tema e sumariá-lo”, exercendo a função de mediação entre determinado conhecimento e os modos de ensiná-lo (BUFREM; SCHMIDT; GARCIA, 2006, p. 123). Da mesma forma, aos manuais se aplicam as considerações de Merleau-Ponty (1962) no prefácio de “Sinais”:

A história do pensamento não pronuncia sumariamente: isto é verdadeiro, aquilo é falso. Como qualquer história, tem decisões surdas: liberta ou embalsama certas doutrinas, transforma-as em ‘mensagens’ ou em peças de museu. Existem outras, pelo contrário, que mantêm em atividade, [...] porque continuam falando para lá dos enunciados, das proposições, intermediários a que estamos vinculados se queremos ir mais além. São esses os clássicos. (p. 18).

A cada capítulo, o texto apresenta os títulos e os subtítulos divididos por seções menores revelando textos breves e fechados, separados, a fim de tornar a organização do texto

melhor compreendido e acessível. Neste sentido, os enunciados de cada capítulo se definem como exposições sumárias de uma asserção a ser explicada ou demonstrada, chamando a atenção do leitor para o tema que está se propondo por meio de um corpus de frases em destaque. Na maioria das vezes, os enunciados se destacam pelo formato das letras em negrito e/ou caixa-alta:

FIGURA 5: ENUNCIADO DO LIVRO DE AFRÂNIO PEIXOTO

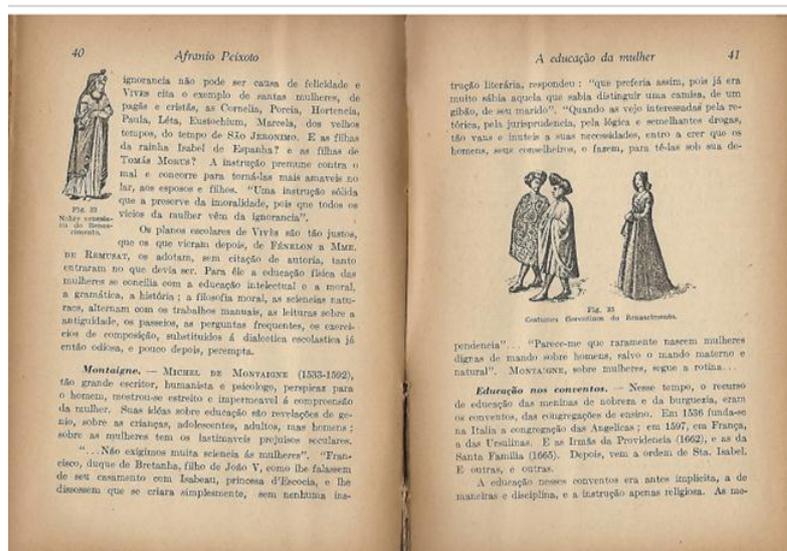


FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher”, 1936, p. 20-21.

Na organização da obra, chama a atenção a presença de várias imagens na composição dos textos. Pensando que as imagens não se apresentam por acaso na obra, é que entendemos que sua presença busca traduzir na forma “imaginária”, utilizando o termo proposto por Chartier (2004), os sentimentos, os desejos, os problemas, e os exemplos relacionados à educação da mulher. É possível compreender a imagem como um elemento funcional, que engendra e ressignifica o mundo, porque sua natureza simbólica constitui um conjunto de significados de um todo social, cultural e educacional. E, refletir acerca das possíveis leituras que uma imagem proporciona, significa “investigar que padrões de visualidade um dado contexto sócio-histórico organiza e conforma” (BELMIRO, 2000, p. 14). Ao estudar a relevância das imagens na obra de Peixoto, é possível perceber sua função na produção de sentidos por meio do diálogo que mantém com o leitor, por si mesma e pela interação com a palavra escrita.

O sistema de impressão do livro de Peixoto foi feito por matriz elaborada (em clichês)⁷, e a presença da maioria das imagens estão situadas às margens do texto, podendo significar que este layout se tornou uma fórmula significativa e recorrente na composição entre imagem e texto, durante os últimos séculos. Nesta perspectiva, são poucas as imagens no livro de Peixoto cujas dimensões são maiores e localizadas ao centro (dividindo o texto):

FIGURA 6: DISTRIBUIÇÃO DE IMAGENS NO INTERIOR DO LIVRO DE PEIXOTO



FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher”, 1936, p. 40-41.

A distribuição de imagens em um livro, principalmente aqueles destinados a educação, colaboram para a visualização agradável das páginas que se seguem. Se há textos muito longos, as imagens servem para quebrar o ritmo da leitura. Além disso, as imagens podem sugerir leituras, apoiá-las do ponto de vista do enredo, compondo junto com o texto escrito um horizonte de leitura e interpretação. É possível observar que, as imagens presentes na obra de Peixoto, estão subordinadas a um conjunto de conceitos, de definições relacionadas à história da educação da mulher. Na primeira parte do texto “O que foi”, as imagens se relacionam a costumes, figuras públicas, educadores em diferentes períodos. Já na parte dois da obra “O que deve ser”, as imagens retratam mulheres artistas, cientistas, escritoras e algumas características biológicas dos seres humanos (como o cérebro):

FIGURA 7: IMAGENS DE MULHERES NO INTERIOR DO LIVRO DE PEIXOTO

⁷ Clichês são placas de metal, geralmente de zinco, gravadas mecanicamente em relevo, destinadas à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica.



FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher”, 1936, p. 143.

É comum, portanto, que as imagens acompanhem a descrição do texto, complementando os seus sentidos ou homogeneizando as possíveis interpretações do que está sendo visto. As imagens concretizam noções sobre educação, mulher, os valores e costumes de determinadas sociedades, além de personificar educadores e educadoras, atrizes, teóricos em diferentes contextos históricos.

Desta análise da materialidade da obra de Peixoto, é possível dizer que o livro guarda em si uma história. A história da sua produção, das suas finalidades, dos seus usos. Num processo laborioso, quando o texto de Peixoto torna-se livro, garantiu-se a mercadoria, o “produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencente aos interesses do mercado.” (BITTENCOURT, 2008, p. 14). Contudo, ao circularem por diferentes mãos, a obra transforma-se em instrumento educativo, em artefato mediador de um sistema de valores, de ideologia, de cultura. Ambas, *forma e texto* indiciam possíveis olhares sobre a educação da mulher. Na segunda parte da obra “O que deve ser”, Peixoto constrói uma narrativa destacando a diferença entre homem e mulher, a diversidade “anatômica dos sexos”, as vantagens de ser mulher por ser mais resistente à dor, à doença e ao suicídio, apresenta dados estatísticos que demonstram as “vantagens” femininas e masculinas e as igualdades (PEIXOTO, 1936, p. 155).

Dos textos ao livro, a história da educação feminina ofereceu aos seus leitores, principalmente as mulheres, objetivar a história de um passado feminino, por meio de uma articulação importante entre o conhecimento e a sua recepção. Tornou-se um manual - *instrumento mediador* - no processo de leitura e de aprendizagem sobre as mulheres.

4. O projeto de educação feminina de Afrânio Peixoto na obra “A educação da mulher”

Para além da materialidade da obra “A educação da Mulher” esboçada até aqui, é necessário que a análise do presente trabalho também se debruce sobre uma interpretação do

projeto educativo para a educação da mulher defendido por Afrânio Peixoto na obra em questão.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por um intenso debate público em torno da *causa da educação*. Diferentes tendências culturais e correntes ideológicas elegeram o tema da educação como estratégia política e recurso discursivo, como um meio de ascensão social e cultural da população e também para formação de uma elite dirigente culta. (CARVALHO, 1989, p. 61). Neste panorama alguns projetos formativos eram engendrados por intelectuais que embora tivessem em seus horizontes perspectivas educativas distintas, concordavam que o grande problema a ser resolvido no Brasil era a Educação. No bojo dessa disputa a educação feminina ganha destaque, principalmente a partir da década de 1920, quando o movimento feminista de primeira onda⁸ ganha espaço na imprensa brasileira.

Os motivos que levaram a uma maior visibilidade das mulheres na imprensa e ao crescimento do associativismo feminino/feminista, deste período, podem estar relacionados à chegada de novas tecnologias como o cinema, o rádio e o automóvel; às mudanças na moda feminina, com vestidos mais curtos e o abandono do espartilho; às mudanças econômicas e aos movimentos populares emergentes na política do período e, por fim, também “às ideias sobre o papel feminino que viriam das levas de profissionais que começavam a conquistar postos num mercado de trabalho até então masculino” (LEITE, 1984, p. 32).

O manual de Peixoto é uma obra que - entre outras - se destacou nesse contexto por abordar, defender, e propagandear a importância da educação da mulher de sua época. Nele o autor utiliza-se de sua autoridade de homem público, médico e educador para publicar “[...] um manual moderno, no qual as mulheres aprendem história, anatomia, psicologia e a biografia de mulheres ilustres como Maria de Montessori e Greta Garbo” (SILVA, MOREIRA e VIEIRA, 2016, p. 195), e embora Peixoto afirme no prefácio que não se tratava de um livro didático sobre a educação da mulher, o projeto editorial não se pretendia recreativo e sim um ensaio sobre a educação feminina, amparado por ampla documentação científica.

Martins (2004), ao analisar o discurso médico sobre as mulheres do início do século XX, assevera que, os intelectuais brasileiros ligados a medicina, adaptaram várias teorias estrangeiras acerca das características femininas à realidade da mulher brasileira, e atrelam a

⁸ “Nas narrativas do feminismo existe a noção de que as ideias formaram várias ondas. Na Primeira Onda (final do século XIX e início do XX), as mulheres reivindicaram direitos políticos, sociais e econômicos; na Segunda Onda (a partir da metade dos anos 1960) elas passaram a exigir direito ao corpo, ao prazer, e lutavam contra o patriarcado” (PEDRO, 2011, p. 271).

sua função social primordialmente como educadora da humanidade. Assim, os debates produzidos por eles tinham como objetivo,

[...] formular uma síntese sobre o tema, procurando adequar as duas principais correntes sobre a questão: aquela que mesmo reconhecendo a inferioridade física e mental das mulheres acreditava no poder transformador da educação, defendendo a educação para elas como uma força evolutiva; e aquelas, cujos principais expoentes são Schopenhauer e Weininger, que negava às mulheres qualquer superação de suas “deficiências”, verdadeiras ameaças à integridade física e moral dos homens [...] (MARTINS, 2004, p. 222).

Tal como apontam Silva, Moreira e Vieira (2016) a forma narrativa construída na primeira parte da obra “A educação da mulher”, por Afrânio Peixoto: “O que foi”, assemelha-se muito ao manual de história da educação “Noções de História da Educação” produzido pelo autor. Neste sentido, o autor organiza seu relato de educação da mulher a partir de uma série de heterogênea de exemplos e modelos femininos que servem para defender a relevância da educação feminina para a evolução da nação brasileira, educação essa orientada por uma racionalidade científica, por meio da qual a mulher se tornaria uma colaboradora do espírito masculino.

A educação da mulher, veio eivada, desde os tempos primitivos, até hoje, do erro milenário que a fez apenas o ente específico, que são, na natureza, todas as fêmeas. Ora o homem é animal social e dessa sociedade tirou todas as conclusões políticas, éticas e estéticas, que ela comporta. A mulher, consoantemente, deixou de ser apenas mãe presuntiva ou efetiva, para ser a companheira, a colaboradora, a inspiradora, com iguais direitos e deveres. (PEIXOTO, 1936, p. 9).

Na construção de seus argumentos e na organização já descrita no presente trabalho, é possível notar que a orientação para a educação feminina proposta por Afrânio Peixoto, coaduna com o seu alinhamento no contexto público da época, como médico, filiado ao Instituto Geográfico do Brasil (IHGD) e como professor da Universidade do Brasil na cadeira de medicina legal e higiene. Neste sentido, diferentes áreas das ciências são convocadas a dar autoridade aos seus argumentos, procurando “[...] documentação anatômica, fisiológica, psicológica e social” (PEIXOTO, 1936, s.p.) que pudessem corroborar com seu pensamento.

Em seu projeto educativo, Afrânio Peixoto fazia uma crítica severa à educação religiosa, particularmente àquela oferecida pela Igreja Católica, que segundo o autor era a

grande responsável pelo “atraso” na educação feminina e na submissão da mulher. Como exemplo, pode-se citar a opinião do intelectual sobre a educação oferecida às mulheres nos conventos durante a idade média, que, segundo ele, além de oferecerem uma educação que não desenvolvia o intelecto das mulheres, também proporcionava a elas conhecimentos não adequados ao sexo feminino:

O convento, aliás, dava-lhe também este curso complementar de mundanismo: o trabalho das irmãs conversas no exterior, as saídas frequentes das pensionistas, as reclusas momentâneas, esposas, esposas separadas, amantes de altos personagens, viúvas mais ou menos inconsoláveis, visitas frequentes no parlatório, escândalos internos e externos, trazem o mundo as educandas: uma escola [...] A instrução quase nada; o catecismo, a leitura, a escrita; nos dias feriados contas, muitos exercícios de memória, fazer principalmente o que lhes aborrece. (PEIXOTO, 1936, p. 44).

Embora defenda a coeducação e a educação do corpo feminino, pautado em uma perspectiva higiênica, Afrânio Peixoto faz uma severa crítica aos excessos na educação feminina, para ele as mulheres que exageram na sua formação, correm o risco de tornarem-se pedantes. Dizia ele: “[...] a mulher sábia, tonteia-lhes a ciência e ficam pedantes, preciosas-rídiculas. O velho provérbio português manda ‘desconfiar de mula que him e mulher que sabe latim’”. (PEIXOTO, 1936, p. 53)

Conforme aponta Abrantes (2010),

[...] a justificativa da educação feminina feita por Afrânio Peixoto combatia principalmente os argumentos ainda utilizados por setores conservadores, especialmente ligados à Igreja, que consideravam a emancipação da mulher através da educação uma ameaça para a harmonia das famílias. (ABRANTES, 2010, p. 150).

Apesar de defender os direitos a igualdade civil entre homens e mulheres em sua obra, em vários momentos da narrativa os exemplos elencados para mostrar o “ideal de mulher moderna”, recorrem a estereótipos femininos como no caso da suposta vocação feminina para o magistério, pautado na ideia de que a profissão era uma extensão da maternidade, ou ainda uma maternidade social:

É exato, e é a vocação feminina, para a educação da infância. Antes de nascerem, já a natureza lhes ensinou, e depois a arte e a ciência, o que convém as essas criaturas. Depois, só essa “maternidade” fez a “humanidade”, ao ser desamparada pelo homem, ao nascer... Sem elas, as

mães, todas as mães da natureza, o que seria da criação? A escola é lhes, uma continuação, a essas mães...O homem professor primário é uma aberração, como o é o capão de pintos... excetuo o caso raro de uma vocação, um PESTALLOZZI ou FROEBEL, o que é exceção, portanto anomalia. (PEIXOTO, 1936, p. 98-99).

Na obra Peixoto defende a educação do corpo feminino. Gondra (2011) aponta que no livro “Noções de História da Educação”, obra do mesmo autor, o corpo se apresenta por meio de um projeto de educação integral, “o sujeito se vê descrito com base no triângulo moral, físico, intelectual. A boa formação humana supõe observar os três lados, mas também o estabelecimento de um equilíbrio entre eles.” (GONDRA, 2011, p 26). O projeto formativo voltado à mulher na obra “Educação da Mulher”, segue essa mesma premissa no que se refere à educação física. Uma “mulher ideal” precisaria conhecer os rudimentos da higiene de forma que deixasse seu estado degenerado ocasionado pela falta de atividade física, que traria prejuízo não apenas para a saúde física da mulher, mas também poderia se tornar ainda mais grave no caso de mulheres com filhos, que seriam herdeiros dessa deficiência.

Afrânio dedica o primeiro capítulo da segunda parte do manual para descrever a importância da Educação Sexual da mulher, embora haja um apelo moral pela prudência, e para a preservação da virgindade, o livro mostra de forma objetiva as diferenças entre a “natureza sexual” masculina e feminina, incluindo no capítulo uma tabela que pormeriza as características de cada um:

FIGURA 8: CARACTERÍSTICAS SEXUAIS DE HOMENS E MULHERES

A educação da mulher 151

CARACTERES SEXUAIS	
HOMENS	MULHERES
I Orgão sexual masculino.	I Orgão sexual feminino.
Músculos desenvolvidos.	II Músculos desenvolvidos.
Mãos fortes, pesadas, firmes.	III Mãos finas, leves, fráguas.
Sistema óptico e locomotor fortes.	IV Sistema apressado e locomotor fraco.
Proeminência do tórax sobre a bacia.	V Proeminência da bacia sobre o tórax.
Forma angulosa pelas saliências ósseas e musculares.	VI Forma arredondada relacionado saliências ósseas e musculares.
Ossoes subcutâneos secos e ressecados; na velhice acumulada no ventre.	VII Gorduras sob cutículas mais abundante no colo, dorso, ancas, nádegas; no ventre por toda a parte.
Pêlos na face e no corpo, axilas e região escrotal; na cabeça cabelos curtos e escuros.	VIII Pêlos apressos nas axilas e região escrotal; na cabeça cabelos longos e dourados.
Desenvolvimento da barba; voz grave e baixa.	IX Estarço limitado no desenvolvimento; voz aguda e alta.
Instinto de mandar, de combater; senso crítico baixo.	X Instinto de maternidade; bom senso, sempre certo.
Inclinação para brincar.	XI Inclinação para os estudos.
Apêto a gerar; aversão de filhos do lar.	XII Apêto a cuidar; interesse por filhos, parto, lactação.
Comportamento ativo e instintivo no amor.	XIII Comportamento passivo e receptivo no amor.
Afeto de estimo; ausência de instintividade; abstrato; sintese.	XIV Sensibilidade e afetividade; concretização; análise.
Reverência.	XV Conservação.

FONTE: PEIXOTO, A. “A Educação da Mulher”, 1936. p. 151

Sua concepção de educação era orientada pela convicção de que o conhecimento médico levaria às mulheres as conquistas pragmáticas do ponto de vista de sua emancipação.

Para ele era necessário um equilíbrio na formação da “mulher moderna” de maneira que a mesma não se tornasse vulgar ou arrogante. Segundo sua perspectiva, os elementos técnicos da modernização social poderiam levar a desvios morais no comportamento feminino, por isso, a educação da mulher deveria se voltar para conhecimentos sobre a economia, profissões femininas, ciências e arte. Essa educação, segundo o autor, beneficiaria tanto mulheres que vinham das camadas mais baixas da sociedade, que poderiam exercer uma profissão e utilizá-la em caso de necessidade, quanto as mulheres de classes mais altas, que poderiam ter um espírito mais ilustrado e com isso fazer uma parceria com os homens de sua casta.

5. Considerações Finais

Adentrando no território da materialidade, compreendemos que a obra de Peixoto é produtora de sentidos, com estrutura e organização a fim de assegurar inteligibilidade em seu manuseio. Neste sentido, dois mundos acabaram se encontrando e se interligando: o mundo do saber e o da escrita sobre a mulher ao mundo da materialidade da obra. Dessa forma, *objeto e texto* se fundem no livro de Peixoto, deixando exprimir saberes e não excluem a importância das suas formas.

A educação da mulher como uma obra que se propõe a projetar a formação da mulher moderna, é em alguns aspectos contraditória. Ao mesmo tempo em que defende a coeducação e critica a pedagogia tradicional cristã, como sendo um impedimento a emancipação da mulher, também se caracteriza por entender que a educação feminina deveria se pautar no cumprimento dos clássicos papéis femininos, sem exceder seu lugar social: a boa esposa e mãe zelosa.

Fontes

- ANÔNIMO. **A Noite**. Propaganda Coleção Afrânio Peixoto. 27 de fevereiro de 1945, p. 7.
- ANÔNIMO. **Maria Bonita**. Filmografia. Sítio da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=000297&format=detailed.pft>
- PEIXOTO, Afrânio. **A educação da mulher**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.
- PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a educação da mulher**. Coleção Obras Completas de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947.
- RIBEIRO, Leonídio. **Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: Conde, 1950.

Referências

- ABRANTES, Elizabeth Sousa. A educação da mulher na visão do médico e educador Afrânio Peixoto. **Outros Tempos**. Volume 7, número 0, dezembro de 2010, p. 143-157.
- BELMIRO, Celia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. In: **Educação & Sociedade**. São Paulo: Unicamp, n. 72, p.11-31, ano XXI, Agosto/2000.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BUFREM, Leilah; SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga. Os manuais destinados a professores como fontes para a história das formas de ensinar. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, São Paulo, nº 22, p. 120-130, 2006.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas. A dívida republicana. In: **A escola e a República e outros ensaios**. São Paulo, Brasiliense. 1989.
- CHARTIER, Roger. **El Mundo como Representación. Historia cultural: entre práctica y representación**. 2.ed. Barcelona: Gedisa, 1990, p.I-IX.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de: PRIORI, Mary del. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHARTIER, Roger. **Formas e sentido - Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2003.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de: LORENCINI, Álvaro. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ESCARPIT, Robert (1918). *A revolução do livro*. Tradução de: ROLIM, Maria Inês. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/ Instituto Nacional do Livro, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Veja: Passagens. Tradução de: CASCAIS, Antonio F. e CORDEIRO, Edmundo, 2002.
- GONDRA, José Gonçalves. Temperar a alma, retemperar os músculos: corpo e História da Educação em Afrânio Peixoto. **Pro-posições**, vol. 22, nº 3 (66). Campinas. Sept/Out. 2011. (p. 19-24).
- GONDRA, José Gonçalves. Afrânio Peixoto, perícia, médica e a fabricação do corpo múltiplo no Brasil. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 38, n. 104, p. 7-20, jan.-abr., 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622018000100007 Acesso em: 10 de agosto de 2020.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de VILLALOBOS, Maria da Penha; OLIVEIRA, Lourenço de. e SOUZA, Geraldo Gerson de. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Editora da USP, 2005.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MERLEAU-PONTY. **Sinais**. Lisboa: Minotauro, 1962.
- PEDRO, Joana. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22. p. 270-283. Jan/jun. 2011.
- RODRIGUES, Bruna Aparecida Rodrigues. DUARTE, Décio Gatti Júnior. Liberais, católicos e a educação da mulher: Afrânio Peixoto e Madre Peeters (Brasil, 1930-1950). **Séries-Estudos**, MS, v. 25, n. 53, p. 297-314, jan./abr. 2020. Disponível: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1275/pdf> Acesso em: 10 de agosto de 2020.
- SILVA, Maria de Lourdes, MOREIRA, Helena Maria Alves, VIEIRA, Luciana Maria da Conceição. Diálogo sobre a mulher entre Madame Chysanthème e Afrânio Peixoto na década de 1930 - Fronteiras. **Educação Unisinos**. V. 20, n. 2 (2016). Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2016.202.05/5440> Acesso em:

ROBALLO, Roberlayne Oliveira Borges; VIEIRA, Carlos Eduardo. História e história da educação no projeto de formação de professores na década de 30 no Brasil: problematizando as noções de Afrânio Peixoto. **Inter-ação** (UFG. Impresso), v. 32, p. 217-430, 2007.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. 324f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

Recebido em 07 de julho de 2020
Aprovado em 11 de outubro de 2020